

BALANÇO DO SEMESTRE

Emprego e produção se recuperam mas o desempenho é bem modesto

BRASILIA — Com a destacada exceção da balança comercial, que até agora tem exibido resultados surpreendentes, o desempenho da economia brasileira no primeiro semestre de 84 pode ser considerado bem modesto. A julgar pelos últimos dados disponíveis, indicadores como oferta de emprego urbano e produção industrial tiveram ligeira recuperação na primeira metade do ano, mas ainda estão longe de se verem livres do fardo pesado da recessão dos últimos três anos.

Além disso, o primeiro semestre

termina sem que o País tenha cumprido importantes metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), notadamente no que se refere ao controle da base monetária (emissão primária de moeda), inflação e déficit público nominal. Em consequência, o segundo semestre começa sob previsão de novo pedido de *waiver* (perdão) do Brasil ao FMI pelo descumprimento de metas.

Sem expectativas de mudanças substanciais de rumo no segundo se-

mestre — até porque o atual Governo termina em março do próximo ano — a política econômica continuará concentrando esforços na promoção das exportações. Em agosto, quando terá início nova rodada de discussões com mais uma missão de técnicos do FMI, as autoridades econômicas certamente negociarão revisões em algumas metas.

A seguir, um balanço resumido do comportamento dos principais indicadores da situação econômico-financeira do País no primeiro semestre:

1

INFLAÇÃO

Pesadelo indomável já classificada de "indecente" pelo Ministro do Planejamento, Delfim Netto, e de "sem vergonha" pelo Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, a inflação continuou alta no primeiro semestre, atingindo 75,48 por cento. No fim do ano passado, durante discussões com o FMI, cogitava-se de uma inflação de cerca de 70 por cento para todo o ano de 84, posteriormente revista para 130 por cento, número que já foi refeito para 150 por cento.

Autoridades e técnicos da área econômica chamam a atenção, porém, para o fato de que, se a inflação continuar alta no semestre e no mês de junho (9,2 por cento) quando anualizada ela está declinando. Em 12 meses até maio último, a inflação era de 235,5 por cento, tendo já em junho declinado para 226,5 por cento. Conforme previsão do Ministro Ernane Galvêas, a inflação cairá para a casa de 210 por cento em 12 meses, a partir de agosto.

2

POLÍTICA MONETÁRIA

Além do descontrole inflacionário, o Governo se deparou no primeiro semestre com um grande estouro na base monetária (emissão primária de moeda). A confirmar a previsão de técnicos do Banco Central de um crescimento de dois por cento da base em junho, ela terá se expandido 32 por cento no primeiro semestre, contra uma meta acertada com o Fundo Monetário Internacional de 13,5 por cento no período. Há o temor de que, com isso, seja impraticável a meta de expansão de 50 por cento no ano.

Ao descontrole da base monetária, junta-se também o do déficit público nominal (dívidas da área pública corrigidas pelas taxas cambial e monetária), que também faz parte do acordo com o FMI. Com uma meta prevista para Cr\$ 23,75 trilhões no primeiro semestre, o déficit público nominal poderá chegar a Cr\$ 25 trilhões nesse período, conforme estima fonte do Ministério do Planejamento.

3

BALANÇA COMERCIAL

Com a confirmação de um superávit de US\$ 1,2 bilhão em junho, elevando para US\$ 5,9 bilhões o saldo positivo da balança comercial no primeiro semestre, o Brasil já terá alcançado 65 por cento da meta para todo o ano (superávit de US\$ 9,1 bilhões). Espera-se também ultrapassar em mais de US\$ 2 bilhões a meta de exportações de US\$ 24,6 bilhões no ano, fato que permitirá uma "folga" para importações que contribua para ligeira reativação industrial, conforme o Diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), Carlos Viacava.

O bom desempenho da balança comercial brasileira é atribuído tanto por autoridades econômicas quanto por empresários ao crescimento das exportações de manufaturados e semimanufaturados — em que pesem as medidas protecionistas em diversas partes do mundo. No primeiro semestre, esse grupo de produtos respondeu por 65 por cento do valor global das vendas externas do País.

4

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Os últimos dados de produção industrial da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), relativos a abril, indicam que houve expansão de 3,8 por cento no primeiro quadrimestre, em relação a igual período de 83. Alguns técnicos observam, porém, que esse crescimento precisa ser considerado em sua devida dimensão, tendo em vista que o ano passado (sobre o qual é calculado) foi de continuidade da recessão industrial. Além disso, no período de 12 meses até abril, segundo a FIBGE, persistia uma queda de 2,5 por cento na produção da indústria.

De qualquer forma, a ligeira recuperação no quadrimestre — que provavelmente se manteve até o fim do semestre — também estaria situada nos ramos industriais voltados para a produção de manufaturas para exportação, conforme análise do próprio Presidente da FIBGE, Jessé Montello. Entre os ramos que apresentaram recuperação, ele apontou o mecânico (onde se inclui a indústria automobilística), o metalúrgico e o Químico.